Revista COOPEX (ISSN:2177-5052)

A morfologia dos quarteirões: uma revisão de literatura

the morphology of urban blocks: a literature review

Alexandre Augusto Bezerra da Cunha Castro[1]
Krisliane Kellen Lima Silveira[2]
Guilherme Honório da Silva[3]
Ashiley Pereira Gonçalves[4]

RESUMO: A morfologia urbana é um dos campos de estudos urbanos mais relevantes para compreender os processos e fenômenos de formação das cidades. Seus elementos constituintes são importantes na compreensão da formação do tecido urbano. Neste sentido, este artigo busca realizar uma revisão de literatura sobre os quarteirões, um dos elementos fundamentais da forma urbana, analisando a maneira como eles são abordados em estudos morfológicos. A metodologia aplicada foi a revisão narrativa, a partir da construção de 4 eixos teóricos: a conceituação da morfologia urbana e seus elementos constituintes; as diferentes abordagens em estudos sobre morfologia urbana; a delimitação conceitual de quarteirão ou quadra na morfologia urbana; e o estado sobre como o quarteirão é abordado em estudos recentes de morfologia urbana. Os resultados contribuem para a compreensão conceitual da morfologia urbana como um todo, bem como a importância das quadras nos estudos morfológicos.

Palavras-chave: Quarteirões. Morfologia urbana. Cidades.

ABSTRACT: Urban morphology is one of the most relevant fields of urban studies to understand the processes and phenomena of city formation. Its constituent elements are important in understanding the formation of the urban fabric. In this sense, this article seeks to carry out a literature review on blocks, one of the fundamental elements of urban form, analyzing the way they are approached in morphological studies The methodology applied was narrative review, based on the construction of 4 theoretical axes: the conceptualization of urban morphology and its constituent elements; the different approaches in studies on urban morphology; the conceptual delimitation of a block or block in urban morphology; and the status of how the block is approached in recent studies of urban morphology. The results contribute to the conceptual understanding of urban morphology as a whole, as well as the importance of blocks in morphological studies.
Keywords: Urban blocks. Urban morphology. Cities.

[1]Mestre. Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário de Patos – Email: alexandrecastro@fiponline.edu.br
[2]Graduanda em Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário de Patos – Email: krislianesilveira@arq.fiponline.edu.br
[3]Graduando em Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário de Patos – Email: guilhermesilva@arq.fiponline.edu.br
[4]Graduanda em Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário de Patos – Email: ashileygoncalves@arq.fiponline.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca realizar uma revisão de literatura acerca dos quarteirões, do ponto de vista da morfologia urbana. Neste campo de estudo, existem diferentes teorias e abordagens (Oliveira, 2016), e se questiona aqui como os quarteirões (ou quadras) são abordados nos estudos e teorias de morfologia urbana.

O estudo da forma urbana, além de permitir entender as lógicas, motivos e processos de evolução urbana que culminaram nas cidades contemporâneas, também pode ser empregada como ferramenta para planejamento e projetos urbanos (Rego; Meneguetti; Beloto, 2020), contribuindo tanto para a teoria como para a prática em Arquitetura e Urbanismo.

Estudos recentes demonstram a importância da quadra como elemento transformador da cidade (Noto, 2017). A compreensão das diferentes dinâmicas que moldam a cidade passa pelo entendimento da forma urbana e de seus elementos constituintes. "Os morfologistas centram-se nos resultados tangíveis das forças sociais e económicas: estudam a concretização de ideias e intenções à medida que estas tomam forma sobre o solo moldando as nossas cidades" (Moudon, 2015, p. 41). Assim, é importante entender a forma urbana para que outros fenômenos socioespaciais também possam ser compreendidos.

Por fim, a quadra, ao longo da história das cidades, perpassou por diferentes níveis de importância e constituição (Castro, 2012). Investigar os tipos e evolução do quarteirão, bem como dos demais elementos que compõem a forma urbana, contribuem na compreensão da evolução urbana e na explicação de diferentes fenômenos socioespaciais, que podem servir para um melhor planejamento e gestão urbana.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Com relação à classificação do tipo de pesquisa, este trabalho se enquadra, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), quanto à abordagem, como pesquisa qualitativa, por focar na compreensão da temática estudada; quanto à natureza, é uma pesquisa básica, por não objetivar uma aplicação prática direta; quanto aos objetivos, é uma pesquisa descritiva, pois é centrada em descrever fatos e fenômenos (no caso desta pesquisa, as abordagens morfológicas sobre o quarteirão); quanto aos procedimentos, é uma pesquisa bibliográfica, pois recorrerá, como

ferramental principal, a busca por textos científicos mais atuais sobre o tema estudado.

O presente estudo utiliza o método da revisão narrativa, delimitada a partir de quatro eixos principais: a conceituação da morfologia urbana e seus elementos constituintes; as diferentes abordagens em estudos sobre morfologia urbana; a delimitação conceitual de quarteirão ou quadra na morfologia urbana; e o estado sobre como o quarteirão é abordado em estudos morfológicos.

Foram utilizados, como ferramentas de pesquisa, o Google Acadêmico, Periódicos Capes, portais de Programas de Pós-Graduação e revistas científicas da área, a exemplo da Revista de Morfologia Urbana e Urban Morphology, a partir de um conjunto de palavras-chave. Dentre as principais utilizadas, cita-se: "morfologia urbana" + conceito; "morfologia urbana" + quarteirão; quarteirão + conceito; "morfologia urbana" + abordagens.

3 MORFOLOGIA URBANA: CONCEITOS E ELEMENTOS CONSTITUINTES

Acerca da origem do conceito de morfologia urbana, Oliveira e Monteiro (2014) apontam a geografia humana alemã, do final do século XIX, como a base fundamental dos estudos da forma urbana como se conhece atualmente. Duas obras da época já utilizavam plantas e mapas urbanos como fontes primárias de dados, além da identificação de zonas com conformações edilícias homogêneas. De acordo com Del Rio (1990, p. 70), pode ser atribuída a geógrafos alemães e franceses do começo do século XX, precursores da abordagem geográfico-histórica, que que viria a ser desenvolvida por Conzen (1960). No entanto, mais importante que a origem é a delimitação do que seria morfologia urbana e seus elementos constituintes. De acordo com Del Rio (1990, p. 70), pode ser atribuída a geógrafos alemães e franceses do começo do século XX, precursores da abordagem geográfico-histórica, que viria a ser desenvolvida por Conzen na década de 1960. No entanto, mais importante que a origem é a delimitação do que seria morfologia urbana e seus elementos constituintes.

Há um consenso, entre diversos atores, de que a morfologia urbana é o estudo da forma das cidades. Rego e Meneguetti (2011, p.124) complementam que a morfologia urbana é o "do meio físico da forma urbana, dos processos e das pessoas que o formataram ", entendendo-se que a morfologia urbana está relacionada também aos processos de evolução urbana e seus atores envolvidos, conceito também compartilhado por Oliveira (2020). Segundo Murilha (2020, p.2) ,"Do ponto de vista urbanístico, a morfologia pode ser definida como sendo o estudo da forma urbana ou o estudo dos aspectos exteriores do meio urbano, onde se coloca em evidência a paisagem e sua estrutura".

Já para Krafta (2014, p.9), a morfologia urbana pode ser entendida como o estudo

sistemático das “formas construídas, parcelas destinadas à edificação e espaços públicos”, enquanto elementos básicos constituintes da forma urbana e das cidades. Del Rio (1990, p. 71) afirma que a morfologia urbana estuda a evolução, transformação e interrelações dos processos sociais com o tecido urbano e seus elementos constituintes. Em uma conceituação mais estrita (que sintetiza as anteriores), Moudon (2015, p.41) afirma que a “Morfologia urbana é o estudo da cidade como habitat humano”.

Quanto aos elementos constituintes, há uma variação de acordo com os diferentes estudos e abordagens. Lamas (2004, p.79), designa: o solo, o lote, o edifício, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, a vegetação, o mobiliário urbano e os perfis viários. Estes componentes auxiliavam na compreensão da cidade em diversas escalas, de forma análoga à estrutura de uma casa, a partir de pilares, vigas, paredes/alvenaria, portas e janelas.

Oliveira (2022) delimita a forma urbana a partir de três elementos básicos: o sistema de ruas, o sistema de lotes (parcelas e quadras) e o sistema de edifícios. O sistema de ruas é o elemento morfológico mais estável, por sofrer menos alterações ao longo do tempo. São as ruas que delimitam quarteirões (ou quadras) e, portanto, distinguem os domínios público, semipúblico e privado. Também se caracterizam por serem espaços de livre circulação, democratizam o acesso a outros espaços (públicos ou não) e são o local principal das práticas sociais urbanas (Figura 1).

Figura 1: Exemplo de rede de ruas.

Fonte: Os autores (2023).

O Sistema de lotes (ou de parcelas) é um dos elementos morfológicos de constituição do espaço urbano mais importantes, uma vez que separa e delimita o domínio público do privado.

Um lote (ou parcela) ou um conjunto deles formam quarteirões (Figura 2). Delimitados pelo sistema de ruas, os lotes são destinados a alocação de espaços livres públicos (praças, parques etc.), equipamentos públicos ou edificações.

Figura 2: Exemplo de sistema de lotes (parcelas).

Fonte: Os autores (2023).

O sistema de edifícios compreende conjunto de construções (Figura 3), sendo privadas ou semipúblicas. As edificações que constituem todas as construções inseridas em parcelas (lotes) e/ou quarteirões. As edificações podem ou não ocupar totalmente um lote, a depender das normativas locais e do período em que foram construídas.

Figura 3: Exemplo de rede de edifícios.

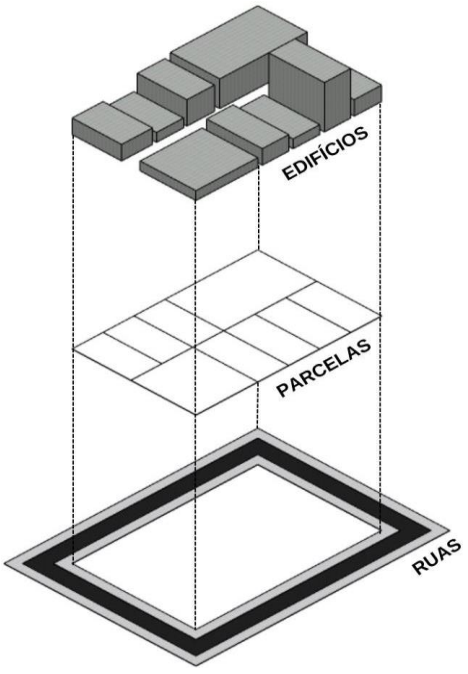
Fonte: Os autores (2023).

Lynch (1960), parte do pressuposto que, a forma da cidade e seus elementos são

auxiliares não só para fenômenos socioeconômicos e históricos, mas também para o usuário se situar e identificar-se com a urbe. Em análise a este viés de percepção, ele apresenta, cinco elementos distintos: **Caminhos (*paths*):** elementos lienares de delimitação de fluxos e movimentos, como ruas, calçadas, linhas de trânsito, canais, estradas-de-ferro; **Limites (*edges*):** são os elementos que interrompem a continuidade, responsáveis pelo fator da segregação, podendo ser eles palpáveis ou não, como limites de cidades e regiões ou barreiras construídas e pré-existentes. A exemplo, rios e montanhas; **Bairros (*districts*):** na conceituação do autor, bairros são partes razoavelmente grandes da cidade na qual o observador "entra", e que são percebidas como possuindo alguma característica comum, identificadora. (LYNCH, 1960, p. 66); **Pontos nodais (*nodes*):** são pontos estratégicos visuais e permeáveis pela cidade; e **Marcos (*landmarks*):** elemento que se destacam na paisagem, pela sua escala e originalidade.

Os elementos constituintes da paisagem descritos por Lynch (1960) têm em comum, com as abordagens tradicionais da morfologia urbana, a utilização de três elementos básicos: as ruas (caminhos, limites, pontos nodais), as parcelas (bairros) e os edifícios (marcos), divididos de acordo com sua importâncias visual e no reconhecimento da paisagem urbana. Da mesma maneira, os elementos descritos por Lamas (1990) também convergem para a tríade ruas-parcelas-edifícios (Figura 4), uma vez que são o aprofundamento desses elementos.

Figura 4: Os três elementos da forma urbana.



Fonte: Os autores (2023).

4 ABORDAGENS DA MORFOLOGIA URBANA

Oliveira (2016) apresenta quatro principais abordagens nos debates científicos sobre a

morfologia urbana: histórico-geográfica, tipológico-projetual, Sintaxe Espacial e Análise Espacial. Cada uma apresenta diferentes aportes teóricos sobre a forma urbana e seus elementos constituintes.

A abordagem histórico geográfica tem suas origens na geografia alemã do começo do Século XX, e se consolidou com os trabalhos de Conzen (1960), em que apresenta três conceitos básicos: a cintura periférica, em que o processo de crescimento da malha é descontínuo, separados por períodos de pausa; regiões morfológicas, caracterizadas pela homogeneidade do seu parcelamento; e o ciclo de parcela burguesa, que corresponde ao processo de adensamento progressivo dos lotes e quadras.

A abordagem tipológica projetual é baseada nos trabalhos de Saverio Muratori e Gianfranco Caniggia, em que estudam a cidade a partir da teoria e prática projetual. A cidade é representada por plantas de edificações (similar aos desenvolvidos por Giambattista Nolli em meados do Século XVIII), identificando tipologias arquitetônicas e suas interfaces com a *urbe*.

A Sintaxe Espacial surgiu no final da década de 1970, como resultado das pesquisas realizadas por Bill Hillier e colegas da University College London. O livro "The Social Logic of Space" (Hillier; Hanson, 1984) apresenta a conceituação teórica da abordagem, e parte do pressuposto de que a configuração espacial (entendida aqui como o arranjo dos elementos que compõem o sistema de barreiras e permeabilidades da cidade) é um dos principais agentes que podem moldar fenômenos socioespaciais urbanos. A Sintaxe Espacial trabalha com modelos matemáticos e espaciais, em que as medidas utilizadas traduzem o potencial de movimento e de copresença dos espaços livres públicos. Em trabalhos recentes, adotou outras técnicas, a exemplo de isovistas, grafos de visibilidade e modelos baseados em agentes.

A análise espacial, cujo termo foi cunhado por Kropf (2009), é uma abordagem caracterizada pelo estudo da forma urbana a partir de modelos matemáticos e computacionais complexos, que envolvem o uso de linguagem de programação, geoprocessamento e inteligência artificial. A análise espacial é dividida, segundo Oliveira (2016), em três modelos: autômatos celulares, que podem ser empregados na simulação de fenômenos urbanos, a partir do aprendizado da máquina (*machine learning*); Modelos Baseados em Agentes, que simulam o comportamento de indivíduos em um ambiente virtual (também utilizado na Sintaxe Espacial); e Fractais, baseados nas pesquisas de Batty (2005), que trabalham com geometrias complexas, calculadas em softwares computacionais.

Em comum, as quatro abordagens apresentadas trabalham com os três elementos fundamentais da forma urbana: ruas, parcelas e edifícios, em diferentes escalas e tratamentos de dados.

5 QUARTEIRÕES: UMA DEFINIÇÃO MORFOLÓGICA

A definição do quarteirão tanto pode basear-se na sua forma construída como no processo de traçado e divisão fundiária (Lamas, 2004, p.88). Com base nas definições de Lamas, é possível definir o quarteirão como um limite. Demarcado por vias, os quarteirões originam-se e são configurados a partir de linhas espontâneas ou planejadas.

Kostof (1991) destaca como quarteirões mais espontâneos os que, sem planejamento algum, foram se edificando segundo as demandas pessoais/sociais de determinadas cidades. Em contrapartida, segundo o mesmo autor, os planejados são caracterizados através de um processo geométrico elementar, sistema bastante utilizado ao longo da história e na maioria das cidades europeias. Em concordância, Lamas (2004, p.88) apresenta-o como um "(…) instrumento operativo de produção na cidade tradicional" ao mostrar sua capacidade como uma unidade de intervenção na reestruturação urbana dos centros históricos. Para o autor, isso pode surgir de duas diferentes situações: a partir do traçado viário, resultando em blocos com formas irregulares, ou como elemento gerador do espaço urbano através de sua repetição e multiplicação.

De acordo com os conceitos de Lamas (2004, p.94), "o quarteirão agrega e organiza também os outros elementos da estrutura urbana: o lote e o edifício, o traçado e a rua, e as relações que estabelecem com os espaços públicos, semi públicos e privados" destacando a importância do quarteirão como uma ferramenta importante para o planejamento das cidades tradicionais, sendo antes da modernização comumente utilizado para a caracterização e estética urbana.

Para entender as definições que são propostas para o quarteirão, é necessário que seja realizada uma análise a respeito da evolução desse elemento ao longo dos tempos, o que reflete nas diferentes abordagens sobre planejamento e desenvolvimento urbano.

Nesse sentido, Figueroa (2006) evidencia alguns entendimentos sobre planos e modelos de cidades que são frequentemente utilizados para designar as transformações que alteram "[...]a paisagem, a sociedade, a cultura, os hábitos e o desenho das cidades". A partir disso, destacam-se:

- **Quadra da cidade tradicional:** pode ser entendida como um elemento urbano criado ao longo de um processo histórico, destacando-se por ser um espaço delimitado e homogêneo, com uma relação desproporcional entre as construções e as áreas livres feitas apenas para o uso de ventilação e iluminação. Suas configurações de geometria variam e correspondem

diretamente ao excesso do traçado viário, resultando numa arquitetura que se concentra principalmente segundo apontamentos de Figueroa (2016), na fachada frontal expressa em volumes bidimensionais, como ocorreu em Paris durante o comando de Haussmann;

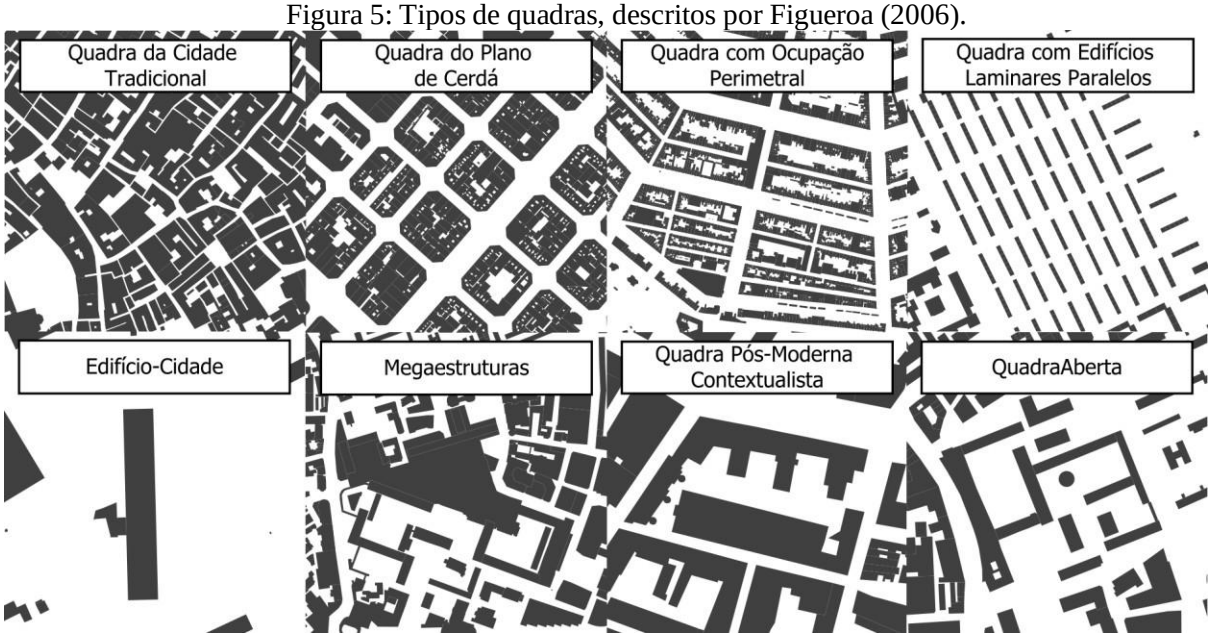
- **Quadra do Plano de Cerdá:** na tipologia proposta por Ildefonso Cerdá, ocorre uma mudança marcante na relação entre edifício e rua. No plano, a quadra é apresentada como um desenho que oferece benefícios em termos de circulação, topologia e construção, resultando em um módulo quadrado com um chanfro em suas arestas, tornando-se uma tipologia significativa para a história do urbanismo, uma vez que transforma a quadra de uma condição residual em um elemento central na composição e estrutura urbana.
- **Quadra com ocupação perimetral:** ainda que o plano Cerdá não tenha sido completamente executado em sua totalidade, ele serviu de inspiração para a implementação da ocupação dessa tipologia. Embora ainda sejam formadas pelo sistema viário, Figueroa (2016) argumenta que as quadras estabelecem uma hierarquia de vias e espaços urbanos distintos, ponto observado na maneira como as esquinas são projetadas e na evolução dos espaços centrais destinados a jardins internos, transformações que acabam fortalecendo a permeabilidade urbana;
- **Quadra com edifícios lineares paralelos:** nessa configuração, há uma inversão da tipologia onde até o momento a edificação era definida pelo lote. Contrapondo-se, o volume da unidade de habitação passa a ser o elemento principal definindo e formando a cidade. Figueroa (2016) fala que este modelo se caracteriza pela "ausência de hierarquia entre as partes, capacidade de crescimento ilimitado, equivalência de condições para os distintos elementos, relação de proximidade entre o espaço interior e o espaço exterior."
- **Edifício-cidade:** partindo da evolução do edifício laminar paralelo, Le Corbusier inova conceituando-o como "quadra cidade", com a edificação suspensa por pilotis, surgem novos espaços públicos contínuos com sua implantação não sendo mais vinculada ao sistema viário (Figueroa, 2016).
- **Mega estruturas:** com a insatisfação ocasionada pelas quadras modernas, as mega estruturas implantam novos métodos sobre suas tipologias, criando uma espécie de topografia artificial. Nessas quadras são exaltadas estruturas e tecnologias em excesso, possibilitando infraestrutura para os moradores no próprio edifício. Deste modo, gerando uma cidade sobre a outra;
- **Quadra pós moderna contextualista:** a quadra retorna ao início da evolução desse elemento, trazendo a ocupação perimetral em suas edificações e consequentemente o desenho da rua tradicional (Figueroa, 2016). Nela, a esquina volta a ser uma referência urbana, e é possibilitado o acesso ao centro da quadra através de pequenos fracionamentos

que são feitos em seu perímetro. Assumindo, segundo Figueroa (2016) o papel de espaço coletivo habitualmente recebendo equipamentos e generosas áreas verdes.

- **Quadra aberta:** essa tipologia permite que sejam abordadas soluções referentes a ventilação e iluminação natural dos edifícios, e restabelece a importância do pedestre mesclando a relação entre o público e o privado através dos caminhos que atravessam suas quadras. Sendo assim, por natureza, uma harmonia híbrida, visto que preserva o valor da rua e da esquina tradicional, ao mesmo tempo que respeita a independência dos diferentes prédios.

A figura 5 exemplifica os tipos de quadras descritos anteriormente.

Figura 5: Tipos de quadras, descritos por Figueroa (2006).



Fonte: Os Autores (2023).

6 ESTUDOS RECENTES SOBRE QUARTEIRÕES

Medina (2018) avaliou o intitulado “Plano de Quadra”, instrumento de planejamento urbano que utiliza parâmetros morfológicos e tipológicos, relacionados ao quarteirão, tendo como estudo de caso a cidade do Recife. Foi diagnosticada a situação atual do desenho urbano da cidade e das quadras, da legislação urbanística e uso do solo e, com base nos dados coletados, foi proposto um “Plano de Quadra Condominial-Comunitário”.

Os achados da pesquisa demonstraram que a quadra é o elemento morfológico básico e essencial para se obter uma melhor eficiência dos parâmetros de quantidades construtivas na produção de espaço urbano. A simulação do Plano de Quadra Condominial-Comunitário apresentou vantagens qualitativas e quantitativas no desempenho urbano, sendo um instrumento

potencial para a gestão pública tomar decisões que melhorem a vitalidade das quadras e espaços livres públicos urbanos.

Silva (2019), define as tipologias de quarteirões e a partir de quais iniciativas surgiram, ou seja, de acordo com quais características e em qual momento histórico. Desse modo, toma o quarteirão como suporte na transformação urbana do espaço urbano. A noção de quarteirões pré-definidos e organizados surgiu a partir dos desenhos das cidades pré-industriais e industriais, tanto em cidades com crescimento espontâneo ou planejamento urbano bem definido.

Camara (2022) explana o estudo da morfologia urbana da cidade de Videira, Santa Catarina, exemplificando a evolução dos traçados da forma urbana enquanto processo da construção da cidade por objeto principal. Tal objeto de estudo foi escolhido, devido a semelhança quanto a configuração urbana da cidade objeto de estudo com outras cidades brasileiras e europeias do século XX.

O objetivo principal do estudo, visa compreender a evolução temporal da malha urbana, por objetivo de construir modelos que possam ser usados como parâmetros para projetos de quarteirões com foco na geografia do local, contribuindo assim para o planejamento urbano de conjuntos habitacionais com distribuições de lotes semelhantes. Os resultados permitem a identificação de blocos com formas predominantemente irregulares e padrões de lotes muito diversos, caminhos de circulação com perfil em zigue-zague ou irregulares com vários problemas estruturais que refletem a necessidade de adaptações topográficas.

Gurgel *et. al.* (2022) discutiram a morfologia em escala unifamiliar da quadra 700 Sul do Plano Piloto de Brasília, utilizando por aporte metodológico a Sintaxe Espacial. Foram analisados os projetos originais em escala urbana e edilícia, por meio dos arquivos disponíveis no ArPDF (Arquivo Público do Distrito Federal). Os achados na pesquisa concluem que essa configuração alterada das Superquadras do projeto original, para habitações geminadas trouxe experiências diferenciadas aos que ali habitavam/ habitam representam contrastes com a modulação residencial proposta no Plano Piloto. A tipologia em questão foi renegada por seus traços tradicionais ou pela destinação de habitação popular frente aos edifícios de apartamentos das superquadras e seu desenho urbano original, intensificando o processo de gentrificação e especulação imobiliária no local.

Leitão (2022) avalia o quarteirão como chave principal no desenvolvimento da forma urbana, analisando a relação entre as primeiras formas urbanas, nos dias de hoje, na cidade de Porto, Portugal. Dentro dessa análise, o autor tem por objeto o quarteirão como objeto tipológico integrador e caracterizador do tecido urbano, bem como, o modo de transformação da cidade como fenômeno histórico. Concluiu-se que, as tipologias estudadas dos quarteirões em questão possuem uma capacidade de integrar-se, em parte, às problemáticas da cidade (gentrificação,

especulação imobiliária, segregação social) permitindo um desenvolvimento inclusivo e eficiente na ocupação dos seus espaços. Desse modo, a tipologia analisada marca o caráter contemporâneo da cidade do Porto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morfologia urbana, enquanto estudo a forma urbana, de seus processos e agentes constituintes, é uma importante ferramenta não somente para a descrição dos aspectos físicos da *urbe*, de sua paisagem, mas também de seus processos históricos de evolução urbana, de registro das transformações da sociedade e da salvaguarda da memória e patrimônio urbanístico.

O quarteirão é um dos elementos mais importantes da morfologia urbana, pois faz interface com espaços públicos (sistema de vias) e privados (sistema edilício). Em diferentes abordagens e conceitos morfológicos, a quadra aparece como elemento chave, podendo ser estudado na escala da cidade, do bairro, do quarteirão em si ou na escala edilícia (tipologia arquitetônica). Aspectos qualitativos e quantitativos na descrição do artefato arquitetônico permitem que as pesquisas possam avaliar e medir a qualidade da quadra, e como ela se relaciona com outros fenômenos socioespaciais urbanos.

Os diferentes tipos de quarteirões, registros históricos da evolução das cidades, são também ferramentas que permitem entender, em diferentes realidades, que tipos de espaços urbanos estão sendo construídos, e como as interfaces público-privadas podem promover maior vitalidade e urbanidade.

Os estudos recentes sobre as quadras buscam compreender não somente o resultado de longos processos de construção do espaço urbano, mas também de como o quarteirão pode ser um elemento de decisão de gestão e projeto. Recomenda-se, para futuras pesquisas, um maior aprofundamento de como as diferentes abordagens da morfologia urbana tratam os quarteirões, bem como estes podem ser utilizados como medida de qualidade ambiental urbana, em diferentes temáticas.

REFERÊNCIAS

BATTY, M. **Cities and complexity.** Cambridge: MIT Press, 2005.

CAMARA, I. P.; TESK, J. Estudos de Morfologia como Subsídio para a Qualificação do Espaço Edificado: Tipologia de Quarteirões. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 23, p. 120-153, 2022.

CASTRO, D. S. **A outra face da cidade:** o interior do quarteirão habitado. 2012. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora, Évora, 2012.

CONZEN, M. R. G. **Alnwick Northumberland:** a study in town-plan analysis. Institute of British Geographers Publication 27. Londres: George Philip, 1960.

DEL RIO, V. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990. ISBN 85-7266-031-3

FIGUEROA, M. Habitação coletiva e a evolução da quadra. **Arquitextos**, São Paulo, v. 06, n. 069.11, 2006 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/385>.

GURGEL, A. P. C. et al. Nem só em Superquadras viverás no Plano Piloto: Análise configuracional dos projetos originais das quadras 700 sul. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 10, n. 2, 2022.

HILLIER, B.; HANSON, J. **The Social Logic of Space**. Cambridge: University Press, 1984.

KOSTOF, S. **The city shaped**: urban patterns and meanings through history. Londres, Thames and Hudson, 1991.

KROPF, K. Aspects of urban form. **Urban Morphology,** n. 13, p. 105-120, 2009.

LAMAS, J.M.R.G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3. ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEITÃO, M. M. **Relevância do quarteirão na construção da identidade da cidade contemporânea:** Porto, três casos. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, 2022.

LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

MEDINA, L. L. A Reinvenção da Quadra: o Plano de Quadra como Alternativa de Controle e Desenho Urbano. **Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambient**e, v. 3, n. 3, p. 113-127, 2018.

MOUDON, A. V. Morfologia urbana como um campo interdisciplinar emergente. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 3, n. 1, p. 41-49, 2015. DOI: https://doi.org/10.47235/rmu.v3i1.16

MURILHA, D. **O estudo da Morfologia Urbana e das tipologias arquitetônicas presentes nas capitais dos estados**. In: XIX CIC - Congresso de Iniciação Científica da UniFIO, 2020, Ourinhos - SP. XIX CIC - Congresso de Iniciação Científica da UniFIO, 2020.

NOTO, F. S. **O quarteirão como suporte da transformação urbana de São Paulo**. 2017. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: https://doi.org/10.11606/T.16.2018.tde-12122017-141651.

OLIVEIRA, V. Morfologia Urbana: Diferentes Abordagens. **Revista de Morfologia Urbana**, v.4, n.2, p. 65-84, 2016. ISSN 2182-7214

_____. **Morfologia Urbana:** uma Introdução ao Estudo da Forma Física das Cidades. Curitiba: PUCPRESS, 2022.

OLIVEIRA, V.; MONTEIRO, C. As origens da morfologia urbana e a geografia alemã. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 2, n. 1, p. 37-46, 2014.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. A Respeito de Morfologia Urbana: Tópicos Básicos para Estudos da Forma da Cidade. **Acta Scientiarum: Technology**, v. 33 n. 2, p. 123-127, 2011. DOI: https://doi.org/10.4025/actascitechnol.v33i2.6196

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S.; BELOTO, G. E. Morfologia urbana como instrumento projetual. **urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 2020, n. 12, p. 1-13, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20190266

SILVA, H. A. A. O quarteirão como tipo urbano. In: Colóquio Internacional – Imaginário: Construir e Habitar a Terra, 3, São Paulo, 2019. **Atas…** São Paulo: USP, 2019, p. 461-480.